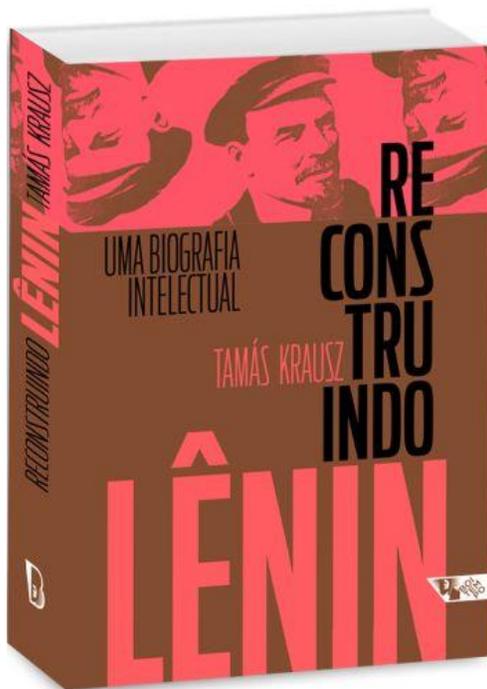


## Resgatar Lênin: uma tarefa para o presente

Debate sobre *Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual*, de Tamás Krausz

DANIELLE JARDIM\*

MARCIO LAURIA MONTEIRO\*\*



*Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual*, de Tamás Krausz, não foca tanto em detalhes da vida pessoal de Lênin, sendo centralmente uma reconstrução do seu desenvolvimento teórico e político, que resgata e submete a balanço seu pensamento, visando reabilitá-lo à luz dos desafios atuais. Fruto de 40 anos de extenso trabalho de pesquisa e escrita, recebeu o Prêmio Memorial Deutscher de 2015, atribuído anualmente à melhor e mais inovadora publicação baseada na tradição marxista.

Tamás Krausz é um pesquisador e ativista húngaro, pertencente à “Escola de Budapeste”, um grupo de historiadores e filósofos ensinados ou influenciados por György Lukács, ao qual o falecido István Mészáros também se filiava (KORR, 2015). Krausz também é professor de História Russa, atuando à frente do *Department of Eastern European Studies* da *Eötvös*



\* DANIELLE JARDIM é Mestra em História pelo PPGH UFF e pesquisadora do NIEP-Marx UFF.



\*\* MARCIO LAURIA MONTEIRO é doutorando no PPGH UFF, pesquisador do NIEP-Marx e bolsista CNPq.

Loránd University of Sciences (Budapeste), e Presidente do jornal teórico-político marxista *Eszmélet*.

Publicado pela primeira vez em 2015, pela *Monthly Review* (EUA) (KRAUZ, 2015), *Reconstruindo Lênin* chegou ao Brasil através da Boitempo no propício ano do centenário da Revolução Russa, em que as ricas experiências gestadas a partir de outubro de 1917 têm sido debatidas avidamente por marxistas. O retorno a Lênin feito por Krausz recusa abordagens demonizantes, bem como apologéticas, se diferenciando tanto de historiadores que buscam endossar a “tese da continuidade” entre aquele e Stálin e entre bolchevismo e stalinismo, quanto daqueles que buscam construir a imagem de Lênin como um líder infalível, reforçando o culto a sua personalidade.

Krausz trabalha com a ideia de que as diferentes interpretações acerca de Lênin são resultantes da existência de diferentes “Lênins”, ressaltando que, ainda que houvesse coerência e unidade entre todos, “eles” foram frutos de lutas, reflexões teóricas e contextos históricos distintos. Sua proposta é, portanto, explorar a diferença e unidade entre esses vários “Lênins”, *reconstruindo* tal figura e seu pensamento (KRAUSZ, 2017, p. 12-13).

### Quem foi Lênin?

Na busca pelo meio termo entre o culto e o anti-culto de Lênin, Krausz busca resgatar sua dimensão humana no primeiro capítulo, *Quem foi Lênin?* – o único de todo o livro que se aproxima das biografias tradicionais. Nele o autor discorre sobre o desenvolvimento familiar, educacional e pessoal de Lênin, além de seus primeiros passos no movimento revolucionário.

Vladimir Ilich pertencia a uma família de classe média urbana. Seu pai, Ilya

Nikolayevich Ulyanov, era um professor simpático aos *narodniks* e sua mãe, Maria Alexandrovna, era filha de um médico que adquiriu título de nobreza e falava várias línguas. Eles tiveram 7 filhos, sendo que apenas um não se tornou revolucionário. Em 1887, Alexandr, irmão *narodnik* de Vladmir, foi executado por participar na tentativa de assassinato do czar (KRAUSZ, 2017, p. 32-43).

Lênin conheceu os escritos de Marx aos 19 anos, mas também foi influenciado por diferentes movimentos e tradições, passando por Chekhov, Tolstoy, Tchernichevski, dentre outros russos. Após ser expulso da Faculdade de Direito de Kazan, em 1887, pelo envolvimento em protestos estudantis, ele passou a dedicar-se à leitura dos livros 1 e 2 d’*O Capital*, e também d’*A Origem das Espécies* de Darwin (KRAUSZ, 2017, p. 39-47).

Ao mudar-se para São Petersburgo, em 1890 para terminar seu curso de direito, Lênin rapidamente se aproximou dos círculos marxistas da cidade. Em 1895, rompeu com Peter Struve e entrou em contato com os socialdemocratas russos exilados, como G. Plekhanov e o Grupo Emancipação do Trabalho, sendo preso pela participação na Liga pela Emancipação da Classe Operária. Nos anos de prisão e exílio, intensificou seu trabalho intelectual e teórico (KRAUSZ, 2017, p. 50-54), e passou a escrever para o *Iskra*, jornal liderado por Plekhanov, que o consolidou com o codinome Lênin.

Ao longo desse capítulo, Krausz também apresenta um Lênin humano, que gostava de gatos e cachorros, jogava xadrez, praticava esportes, amava o teatro, a música e os livros e valorizava a arte engajada. Um homem reservado, de poucas relações próximas, organizado, estudioso, sistemático, com talento para análise e síntese e excelente memória,

que subordinava boa parte de sua vida pessoal à revolução. Krausz comenta ainda sua relação com Nadezhda Krupskaya (esposa) e Inessa Armand (amante), e ressalta suas reflexões sobre a opressão das mulheres como consequência do capitalismo (KRAUSZ, 2017, p. 43-88).

Ele faleceu em 22 de janeiro de 1924, após ter começado a sentir fortes dores de cabeça e ter insônia em 1921, o que levou a um diagnóstico de arteriosclerose. Embora com a saúde comprometida, continuou ativo até 1923, quando ficou parcialmente paralisado depois de um derrame (ao qual seguiram-se outros dois), tendo então sido cada vez mais afastado da política (apesar de ter feito grande esforço para se manter informado das questões do partido e até mesmo intervir em certas disputas no Comitê Central), até que o terceiro derrame o incapacitou até o falecimento. (KRAUSZ, 2017, p. 90-100).

### **Estudos sobre a realidade russa e suas implicações revolucionárias**

O capítulo 2, *Capitalismo russo e revolução*, resgata os debates acerca da interpretação da realidade russa, onde Lênin buscou compreender a natureza do capitalismo russo e suas consequências políticas e econômicas, como o papel da burguesia russa e seu lugar no capitalismo internacional. Krausz discute como o estudo e desenvolvimento teórico sobre a sociedade russa o levou ao rompimento tanto com os *narodniks* quanto com os liberais e à opção pela socialdemocracia.

O capítulo enfatiza a obra *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (1899), uma análise da introdução das relações de produção capitalistas no campo, da diferenciação do campesinato a partir do assalariamento e de envio de parte destes para as cidades diante da

impossibilidade de cultivar a terra, além do surgimento do “camponês sem terras” após a abolição da servidão (1861) (KRAUSZ, 2017, p. 110-112). Nela, Lênin realiza um rompimento radical com as concepções *narodniks*, que viam a possibilidade de existência do velho sistema econômico russo sob o capitalismo (KRAUSZ, 2017, p. 111-112), pois afirma a irreversibilidade da dissolução da *obshchina* (“comuna” rural russa), que o próprio Marx sugerira poder dar bases para uma sociedade comunista (KRAUSZ, 2017, p. 121-122).

Lênin também avançou no estudo da relação entre formas capitalistas e não capitalistas, entre centro e periferia, pensando sobre a colonização implementada pela Rússia imperial não somente internacionalmente (como ele aprofundaria mais tarde em sua teoria do imperialismo), mas também internamente. Desenvolveu, assim, o conceito de *colonização interna*, onde uma Rússia industrial e capitalista devorava as regiões periféricas a partir do mercado, utilizando-as como “colônias”, e analisou a relação entre desenvolvimento industrial na área central e desenvolvimento da agricultura comercial em outras regiões (KRAUSZ, 2017, p. 191-122).

Após a revolução de 1905, Lênin se dedicou a um estudo sistemático sobre as peculiaridades do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, em especial o papel transformador do Estado autocrático com elementos bonapartistas (KRAUSZ, 2017, p. 123-124). É nesse contexto que ele trabalha com a ideia de uma “monarquia burguesa”, analisando como as políticas agrárias do governo impactavam sua base social de sustentação (KRAUSZ, 2017, p. 148) e denunciando uma íntima associação entre autocracia e burguesia, o que trazia

consequências políticas diretas. Nas palavras de Krausz, “Os liberais prefeririam partilhar o poder com os Cem-Negros a juntar-se aos conflitos da democracia” (KRAUSZ, 2017, p. 148).

Como consequência da insignificância da burguesia na Rússia e de sua dependência com o czarismo e o capital estrangeiro, já em 1901 Lênin suspeitava que a classe dominante na revolução democrático-burguesa russa seria a *classe trabalhadora*. O campesinato, que tinha seu modo de vida alterado drasticamente pelo desenvolvimento capitalista, deveria juntar-se àquela contra a burguesia e a nobreza latifundiária, resolvendo a questão da terra via apropriação dos latifúndios (KRAUSZ, 2017, p. 130-133). Portanto, seu estudo da realidade russa e das configurações político-econômicas das classes lá existentes, o levou à afirmação da *via revolucionária* contra o czarismo, com a classe trabalhadora como vanguarda em aliança com o campesinato.

No contexto da revolução de 1905, essas análises culminaram na fórmula da *ditadura democrática do campesinato e do proletariado*, que Lênin compreendia como uma possível antessala capitalista de um desenvolvimento socialista. Essa fórmula diferenciou os bolcheviques dos mencheviques no plano estratégico, uma vez que estes viam o proletariado apenas como a “ala esquerda” de uma revolução democrático-burguesa, subordinada ao liberalismo. Krausz, entretanto, dedica pouco espaço ao exame desse importante elemento do pensamento de Lênin (KRAUSZ, 2017, p. 134 e 136).

### **Partido e revolução**

O capítulo 3, *Organização e Revolução*, discute as posições de Lênin “em relação a como ‘tomar o poder’ e ‘integrar as massas’ ao partido” (KRAUSZ, 2017, p.

153). Para esta tarefa, Krausz se debruça principalmente sobre as obras *O que fazer?* (1902) e *Um passo em frente, dois passos atrás* (1904).

É debatido o esforço de Lênin para formular um modelo de organização capaz de derrubar a autocracia, em um contexto em que a socialdemocracia russa ainda era composta por pequenos grupos. Para Lênin, era necessária uma organização clandestina, com revolucionários profissionais familiarizados com as regras da conspiração, servindo como líder e catalizadora do movimento existente (KRAUSZ, 2017, p. 154-157). Ademais, “a socialdemocracia poderia encontrar raízes na Rússia somente se os intelectuais marxistas desenvolvessem um contato orgânico com o espontâneo e promissor movimento de trabalhadores” (KRAUSZ, 2017, p. 155), donde se vê em Lênin uma visão crítica sobre a integração entre intelectuais e massas operárias.

A partir de 1902, Lênin se dedicou a definir o papel do partido no movimento de massas, buscando compreender como as massas se tornariam suficientemente maduras para derrubar o czarismo. Nas palavras de Krausz: “No âmago da tese de construção partidária de Lênin estava o problema de como a classe operária poderia adquirir consciência de classe” (KRAUSZ, 2017, p. 158). Lênin, naquele momento, chegou à conclusão que, dentro do regime burguês, era impossível aos trabalhadores desenvolverem a consciência socialdemocrata de forma espontânea (sendo possível somente uma consciência sindicalista), entretanto, mais tarde, após a Revolução de 1905, ele flexibilizou essa tese, passando a defender a entrada das massas proletárias no partido, ao lado dos revolucionários profissionais.

Apesar disso, Krausz ressalta que Lênin não defendia a socialdemocracia como uma organização secreta conspirativa, resgatando, para comprovar isso, o panfleto *Um passo em frente, dois passos atrás* (1904), onde ele defende que a organização de revolucionários deve ser envolvida por (e enraizada em) uma ampla organização de trabalhadores. Era necessária a formação de uma rede de organizações legais e ilegais dedicadas a facilitar a comunicação e atividades políticas entre diferentes segmentos da sociedade (KRAUSZ, 2017, p. 156-160). Vale acrescentar que isso é reafirmado em *Novas Tarefas e Novas Forças* (1905), onde se defende o recrutamento em massa no contexto revolucionário de então.

Krausz aborda também posições de Lênin sobre alguns pontos importantes, como a visão da greve geral como uma possibilidade de encontro entre partido e movimento, e não como uma ação secreta, e a ideia do partido como vanguarda – ideia muito incompreendida e distorcida, sobre a qual afirma:

O partido como vanguarda significava apenas que a organização devia firmar raízes como parte da classe social e incorporar todos os elementos progressistas e revolucionários destas (isto é, a ala “que levantou as barricadas”), como menciona o *Manifesto Comunista*. Essa descrição de vanguarda, está claro, não possui parentesco com a estrutura que surgiu depois, a corporificação burocrática do “partido de Estado stalinista”, apesar de este ter continuado a ser referir a Lênin e a uma suposta origem em 1903. (KRAUSZ, T. p. 163-164)

Infelizmente, Krausz não aprofunda a discussão deste que é um dos temas mais controversos (e mal compreendidos) do pensamento de Lênin. Se faz ausente um

debate sobre o desenvolvimento histórico da concepção de partido de vanguarda, que começa como uma variante do “partido de massas” kautskista sob as condições peculiares da Rússia, que exigiam clandestinidade (como em *O que fazer?*), e culmina numa proposta radicalmente nova – cujos germes já estavam presentes nas elaborações de fins do século XIX e na experiência prática da divisão “definitiva” com os mencheviques, em 1912, mas que só seria teorizada a partir da Grande Guerra e das reflexões sobre a aristocracia operária. A conclusão dessa proposta era de que se fazia imprescindível a separação política e *organiza* das correntes revolucionárias em relação às “oportunistas”. (LENIN, 2013)

O capítulo também aborda questões como as discussões com Parvus sobre a divisão do partido e as consequências que isso traria para a tese da “revolução permanente” (KRAUSZ, 2017, p. 165); o debate com Martov no Segundo Congresso do partido sobre ter critérios mais rígidos de definição dos membros (KRAUSZ, 2017, p. 166-169); a discordância com o jovem Trotsky sobre a relação entre classe, consciência e partido, bem como sobre a existência de uma consciência “importada” de fora da classe (KRAUSZ, 2017, p. 169-170); o debate com Bogdanov sobre filosofia, religião e a possibilidade de uma “cultura proletária” (KRAUSZ, 2017, p. 174-193).

### **Dialética, revolução, guerra e questão nacional**

Uma das propostas do capítulo 4, *A guerra e a questão nacional*, é recuperar como, no curso da Grande Guerra, Lênin redescobriu Hegel e se dedicou ao seu estudo, buscando aprofundar sua compreensão sobre a dialética (KRAUSZ, 2017, p. 203). Seu objetivo

era o uso da dialética como metodologia de ação aplicada à atividade política e organizacional da luta de massas cotidiana (KRAUSZ, 2017, p. 206). Para Krausz, Lênin concebia a dialética “como instrumento ou método filosófico-teórico, em termos sociais e históricos, para derrotar o sistema capitalista” (KRAUSZ, 2017, p. 206), “não apenas como instrumento de ‘contemplação científica’, mas como componente orgânico da ‘transformação do mundo’” (KRAUSZ, 2017, p. 208). Assim, a unidade entre teoria e prática com finalidade revolucionária é uma das maiores marcas do pensamento de Lênin.

Lênin viu a Grande Guerra como um horror causado pelas disputas imperialistas, mas também a chance de uma revolução, pois as contradições da monarquia czarista e as sucessivas derrotas militares levariam a uma revolução na Rússia, que poderia ser o gatilho para a revolução na Europa. A guerra imperialista poderia se converter em uma *guerra civil*, mas para isso era necessário neutralizar o chauvinismo e abordá-la como uma guerra *imperialista*. Assim, o apoio de parte da socialdemocracia à guerra ia na contramão da revolução (KRAUSZ, 2017, p. 212-215), de forma que, se a Segunda Internacional não estava à altura da tarefa, era necessário fundar uma Terceira Internacional.

Para Lênin, a guerra era a concretização da disputa das grandes potências por privilégios no mercado mundial. Dessa forma, combateu a teoria do “ultra-imperialismo” de Kautsky, segundo a qual a união de diferentes imperialismos poderia eliminar a guerra e os conflitos agudos entre as nações, e também as visões de Pyatakov, bolchevique que viu a possibilidade de o monopólio substituir a competição capitalista e correlacionou democracia à livre competição, e

monopólio à reação política (KRAUSZ, 2017, p. 219-222).

A teoria imperialista de Lênin teve implicações diretas em seu posicionamento sobre a *questão nacional*. Ele viu o papel e caráter do movimento nacional a partir de uma *perspectiva de classe*, descrevendo a opressão nacional como uma forma específica de opressão de classe, com raízes econômicas e socioculturais. Ele diferenciou um movimento nacional de uma nação opressora (reacionário) e o movimento nacional de uma nação oprimida (em alguma medida progressista), defendendo o direito de *autodeterminação*. Com base em seu estudo da obra de Isaac Hourwich (*Immigrant and Labor*, 1912), ainda chamou atenção para o impacto do colonialismo sobre os trabalhadores dos países dominadores, onde uma “aristocracia operária” podia ocupar posições privilegiadas como resultado da exploração (dos trabalhadores) das colônias.

### O Estado e a revolução

O capítulo 5, *O Estado e a revolução*, é uma apresentação das concepções de Estado e da tomada do poder por parte de Lênin, e baseia-se principalmente na obra homônima de 1917, apresentando também as *Teses de Abril* e outros textos.

*O Estado e a Revolução* talvez seja o texto mais influente de Lênin, onde ele recupera os debates envolvendo a intersecção entre classe e Estado na teoria marxista (KRAUSZ, 2017, p. 247-250), apresentando-o como uma instituição fundamental no período de transição para o socialismo, sob o qual a opressão do Estado sobre os trabalhadores deixaria de existir, pois este Estado seria uma *ditadura do proletariado*. Entretanto, o comunismo (a sociedade de livre associação de

produtores, sem Estado) seria resultado de um longo período de desenvolvimento histórico (KRAUSZ, 2017, p. 256-257).

Lênin entra em polêmica com os liberais e com os socialistas reformistas, apontando o Estado burguês como uma ditadura da burguesia e expondo as relações entre o capitalismo e a democracia burguesa (a mais alta forma de dominação capitalista) e seu parlamentarismo. O Estado burguês, a ditadura burguesa, não poderia ser superado sem uma *revolução* que demolisse sua máquina estatal militar-burocrática. Mas, por causa de suas funções econômicas e de classe, o Estado só poderia ser eliminado depois da eliminação das classes (KRAUSZ, 2017, p. 265-270).

Lênin critica as concepções anarquistas que veem o Estado como a causa da desigualdade social confundindo causa e efeito e deixando de considerar o papel da economia na determinação das desigualdades (KRAUSZ, 2017, p. 265-266). Para ele, a abolição do Estado de um dia para outro aniquilaria as defesas da revolução. Era necessário começar a liquidação do Estado não por ele mesmo, mas pela transformação das formas e relações de produção, pela transformação da economia (KRAUSZ, 2017, p. 271-272).

Segundo Krausz, um dos objetivos da obra era provar a realização de uma nova estrutura de poder – um semi-Estado de tipo comunal – como uma possibilidade realista (KRAUSZ, 2017, p. 258). Krausz observa que, nesse momento, Lênin evita falar em soviets, preferindo uma proposição com base na experiência da Comuna de Paris – órgãos de

trabalhadores com mandatos revogáveis, com separação entre executivo e legislativo (KRAUSZ, 2017, p. 269-270). Segundo ele, isso se devia ao fato de que Lênin ainda não sabia se os soviets continuariam em sua maioria com os SRs e mencheviques, ou se passariam a apoiar os bolcheviques (KRAUSZ, 2017, p. 257). Entretanto, Lênin não era contra os soviets e, desde 1905, os viu como órgãos de coesão, autodefesa e agentes de poder da revolução, embora naquele momento como órgãos da revolução e embrião de um Governo Provisório revolucionário, mas não ligados ao socialismo diretamente. Os soviets deveriam se consolidar como espaços de auto-organização de toda a classe, e nenhum partido deveria se apropriar deles (KRAUSZ, 2017, p. 261-262).<sup>1</sup>

Krausz apresenta ainda um rápido debate sobre as *Teses de Abril*. Destaca a avaliação de Lênin de que, frente à fraqueza da burguesia russa e sua falta de interesse na realização de uma revolução democrático-burguesa, caberia aos trabalhadores, em aliança com os camponeses pobres, levá-la adiante. O papel dos soviets deveria ser radicalizar a revolução, passando a dirigi-la e transformando-a em uma revolução *proletária*. Dá Lênin propunha a entrega de “todo poder aos soviets” (KRAUSZ, 2017, p. 278-281).

As *Teses de Abril* provocaram uma reviravolta, pois quebraram tanto com a ideia de uma etapa democrático-burguesa, quanto com a ideia de que a revolução proletária se daria em um país de capitalismo adiantado. Krausz observa, porém, que as *Teses* definem como tarefa a passagem do controle da

<sup>1</sup> Vale lembrar que, após a repressão às Jornadas de Julho, Lênin chegou a propor que os bolcheviques abandonassem os soviets, apesar de ter levantado a palavra de ordem de “todo

poder aos soviets” já em abril, de forma que não tinha uma visão rígida sobre o possível papel de tais órgãos.

produção e distribuição para os soviéticos – e não a introdução imediata do socialismo, o que dependeria de uma revolução europeia. (KRAUSZ, 2017, p. 279-280).

No contexto do centenário, um intenso debate tem sido travado acerca do local das *Teses* no desenvolvimento do pensamento de Lênin e da estratégia do partido bolchevique – sobre se constituiriam uma ruptura ou não com a mencionada fórmula da “ditadura democrática”, de 1905<sup>2</sup>. Apesar de Krausz tocar no tema de forma ligeira, cabe destacar sua afirmação de que as *Teses* demonstram que “o ponto de vista de Lênin tornou-se mais diferenciado sob a influência dos eventos do decurso da revolução”, aproximando-se das ideias de Trotsky, sobre o caráter “permanente” da revolução e a fusão entre as “fases” democrática e socialista (KRAUSZ, 2017, p. 278).

Krausz ainda ressalta que, para Lênin, a tomada de poder não era baseada em uma conspiração ou uma ação tomada unilateralmente por um único partido, mas sim na mobilização da classe e em suas organizações espontâneas (soviéticos): “Nenhuma interpretação que sugira ou declare que o pensamento e as ações políticas de Lênin em 1917 foram ditados por alguma concepção autoritária do poder se apoiará em provas documentais” (KRAUSZ, 2017, p. 279). Além disso, a insurreição, para ter chances de sucesso, deveria ocorrer quando as atividades da classe estivessem no auge, assim como a vacilação dos inimigos. É com base nessa análise de forças, calcada sobre um

conjunto de reflexões teóricas e políticas, que, em outubro, Lênin insistiria na urgência da tomada imediata do poder, sob pena da derrota da revolução (KRAUSZ, 2017, p. 285-288).

### **Entre a ditadura e as liberdades democráticas: desafios do governo soviético**

No capítulo 6, *Ditadura e democracia na prática*, Krausz aborda o contexto da tentativa de consolidação do poder soviético pós-outubro. Trata de assuntos como a dissolução da Assembleia Constituinte, os debates envolvendo as formas da ditadura que deveria ser estabelecida no contexto da guerra civil, e os desafios daquele momento, como a crescente fome, o uso da violência e a deportação e prisão de opositores. O capítulo aborda, ainda, os posicionamentos de Lênin sobre a questão judaica.

No que tange à Assembleia Constituinte, Krausz destaca que Lênin tratou a questão a partir da análise das relações de força existentes naquele espaço, avaliando os interesses e posicionamentos por uma perspectiva de classe, chegando mesmo a ser otimista com a Assembleia, avaliando que os bolcheviques, juntamente com os SR de esquerda, poderiam ter maioria (KRAUSZ, 2017, p. 323-324). Esse quadro mudou após a tomada do poder e a instituição de um governo dos soviéticos, pois, frente ao avanço da revolução, a Assembleia só seria benéfica se tomasse o lado das classes trabalhadoras em oposição aos proprietários de terras e burgueses, reafirmando o poder dos soviéticos e os decretos sobre a terra, o

<sup>2</sup> O debate remonta ao estudo de Lars Lih acerca de *O que fazer?* (2008), no qual defende que as *Teses* não representaram uma ruptura. Em 2017, a polêmica ganhou maior peso, envolvendo críticas, réplicas e trélicas de diferentes pesquisadores. Uma compilação está disponível

no blog de John Ridell: <https://johnriddell.wordpress.com/2017/10/12/the-bolsheviks-in-1917-index-to-a-debate/>. Para uma intervenção bastante detalhada, ver MURPHY; GAIDO, 2017.

controle operário e a nacionalização dos bancos, além de apoiar a política externa do governo (paz) (KRAUSZ, 2017, p. 337-338). Como ela não reconheceu o poder soviético e seus decretos, foi dissolvida sob a consideração de que havia se tornado irreconciliável com o novo regime e poderia tornar-se uma ferramenta contrarrevolucionária (KRAUSZ, 2017, p. 339-341).

Na ocasião, Rosa Luxemburgo, embora concordasse com limites da Assembleia Constituinte eleita, criticou o fato de que, a partir daí, os bolcheviques recusaram qualquer via representativa. Krausz, concordando com ela, afirma que os bolcheviques erraram ao subestimar a democracia representativa em um momento onde a democracia direta ainda enfrentava barreiras práticas (KRAUSZ, 2017, p. 345-346).

O capítulo retoma ainda o difícil contexto de guerra civil e da fome e, diante desse cenário desesperador, a luta do governo pela sobrevivência. É nesse contexto que se inserem os processos de centralização político-militar e o uso da violência contra a oposição. Mas Krausz também comenta documentos de 1919, onde o historiador Rozhkov e Gorki lhe propõem uma ditadura pessoal para enfrentar a crise alimentar e a guerra civil, e o posicionamento contrário de Lênin a essa ideia (KRAUSZ, 2017, p. 350-355).

Na questão do terror revolucionário, Krausz aponta que sua razão central foi a necessidade de enfrentar à violência dos Brancos na guerra civil, e ressalta que, em diversos momentos, Lênin condenou abusos de poder e puniu membros da Cheka (polícia política) que agiram de forma extremada, bem como se posicionou contra o despotismo das autoridades locais. Além disso, para ele, embora a violência fosse legítima em situação de guerra revolucionária, em

tempos de paz ela seria prejudicial (KRAUSZ, 2017, p. 355-366).

Por último, o capítulo aborda a questão judaica na Rússia, onde vivia metade dos judeus do mundo à época da Revolução e onde o antissemitismo e os *pogroms* tornaram-se difundidos pelo governo czarista e utilizados pelo Exército Branco durante a guerra civil (KRAUSZ, 2017, p. 391-407). Krausz ressalta que Lênin foi talvez o primeiro a compreender a ligação entre antissemitismo e anticomunismo na ideologia contrarrevolucionária dos Brancos, que reapareceria anos mais tarde no fascismo/nazismo europeu (KRAUSZ, 2017, p. 420).

### **Relações internacionais: entre a revolução mundial e a sobrevivência**

O capítulo 7, *Revolução mundial: método e mito*, traz debates em torno da relação da Revolução Russa com a perspectiva de uma revolução mundial. Krausz também apresenta como, em alguns momentos, a sobrevivência do Estado soviético se contrapôs a esse internacionalismo, impondo limites à ação.

Segundo Krausz, Lênin “desenvolveu brilhantemente as visões de Marx sobre a revolução ao vincular o início da revolução mundial à prática revolucionária russa” (KRAUSZ, 2017, p. 423). Ele retirou do conceito de revolução mundial a ideia de *simultaneidade*, a partir da formulação do conceito de “centelha” e sua concepção de revolução compreendia que, “em razão do desenvolvimento desigual, a revolução mundial desenvolvia-se de maneiras diferentes em épocas e lugares distintos” (KRAUSZ, 2017, p. 425-426).

Lênin reconhecia que a organização internacional do capital não poderia ser contestada ou quebrada em nível

nacional, donde o internacionalismo do projeto bolchevique, com o slogan de transformar a Grande Guerra em guerra civil revolucionária (KRAUSZ, 2017, p. 4225-429). Entretanto, ao chegarem ao poder levantando a bandeira da saída da guerra, com um país seriamente prejudicado pelos prejuízos econômicos e humanos, um exército com deserções em massa etc., não poderiam se furtar de buscar saídas para um acordo de paz. Apesar do Tratado de Brest-Litovsk (1918) ter gerado polêmica entre os revolucionários e ter imposto duras perdas à Rússia, Krausz aponta que não se pode sustentar a ideia de que o país tinha forças militares para enfrentar a Alemanha naquele momento (KRAUSZ, 2017, p. 430).

Krausz recupera, assim, alguns dos dilemas presentes nas discussões entre os bolcheviques naquele momento. Era possível fazer qualquer tipo de tratado de paz com um país imperialista? Era possível conciliar defesa do país e o internacionalismo? Era mais importante consolidar posições alcançadas ou exportar a revolução mundial a qualquer custo? O partido havia se dividido sobre a tática de como impulsionar a revolução mundial. Um setor defendia uma política de ofensiva revolucionária e outro era mais favorável à defesa do Estado soviético (KRAUSZ, 2017, p. 430-432). Lênin, nesse contexto, buscou o quanto pôde evitar a construção de uma contraposição entre a perspectiva da revolução europeia e a defesa, inclusive militar, dos interesses locais Revolução Russa.

Quando a onda revolucionária de 1919 não consolidou uma relação de forças favorável ao governo soviético e à revolução internacional, Trotsky ainda teria proposto girar os esforços de apoio à revolução internacional do ocidente para o oriente, mas a capacidade da

Rússia de fazer isso ficava cada vez mais reduzida. Mas no verão de 1919, o crescimento da contrarrevolução armada já impunha um grande desafio e, em meio ao caos e à guerra civil, a Rússia não poderia ser uma ameaça para a Europa (KRAUSZ, 2017, p. 438-439). Após o sufocamento das ondas revolucionárias, aos poucos os estadistas ocidentais começaram a reconhecer a Rússia soviética. Lênin continuou com a perspectiva da revolução internacional, mas na prática começou a contar cada vez menos com isso no horizonte próximo. (KRAUSZ, 2017, p. 452)

Por último, o capítulo aborda o que o autor chama de “esquerdismo messiânico”, via uma análise centrada na obra *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1920) e no contexto político da época, recuperando o combate feito por Lênin a concepções sectárias e dogmáticas sobre o marxismo e a revolução, e seu rompimento com tradições que pressionavam pela “ação revolucionária em situações não revolucionárias” (KRAUSZ, 2017, p. 459).

### **A teoria do socialismo: fases do desenvolvimento do pensamento de Lênin**

O capítulo 8, *A teoria do socialismo: possibilidade ou utopia?*, retoma o desenvolvimento das concepções de socialismo de Lênin em diferentes períodos. Krausz nos apresenta cinco fases do desenvolvimento do pensamento de Lênin:

A primeira fase cobre o período anterior à Revolução Russa de 1905, e a segunda estende-se até a Revolução de Outubro, cujos resultados foram resumidos em *O Estado e a Revolução*. Após 1917, o estadista Lênin não estava mais em posição de escrever um programa teórico, e não apenas por falta de

tempo. Os desenvolvimentos ainda não eram suficientemente duradouros para serem suscetíveis à análise clássica. Mas as três fases que se seguiram à Revolução de Outubro – a “economia de mercado” que caracterizou o período até a primavera de 1918, o comunismo de guerra de 1918-1920 e o “capitalismo de Estado” da Nova Política Econômica de março de 1921 em diante – deixaram traços teóricos duradouros e claramente delineados no pensamento de Lênin. (KRAUSZ, 2017, p. 464)

Dividindo o capítulo em 5 partes, correspondentes a cada uma das fases citadas acima, Krausz retoma os esforços de Lênin, ainda nos primeiros estágios de sua atividade teórica, para definir conceitualmente a ideia de socialismo, tendo como base os trabalhos de Marx e Engels. Nesse momento, Lênin rompe com o “socialismo camponês” que não compreendia as transformações capitalistas pelas quais a Rússia passava. (KRAUSZ, 2017, p. 464-469).

O capítulo defende que as políticas do Comunismo de Guerra e da NEP não foram planejadas e teorizadas anteriormente, mas formuladas frente às necessidades do momento. Assim teria se dado a liquidação do mercado, a utilização de especialistas burgueses, o monopólio estatal sobre os grãos e o comércio internacional, etc. Krausz também levanta o papel da fome para a implementação de uma ditadura estatal de subsistência, que avançou para o formato do Comunismo de Guerra (KRAUSZ, 2017, p. 470-474). Nas palavras do autor, a “concentração de poder – não planejada antecipadamente – tornou-se o principal instrumento para superar a fome, o que era o objetivo político fundamental” (KRAUSZ, 2017, p. 476).

No cenário de escassez, a ditadura estatal de subsistência tomou medidas extremas, garantidas por meios militares, de apropriação compulsória da produção, juntamente à nacionalização e estatização de setores chaves como os bancos e os transportes (KRAUSZ, 2017, p. 477). Entretanto, na polêmica com a Oposição Operária e Trotsky, Lênin foi contra a proposta de militarização do trabalho, e defendeu os sindicatos como órgãos de defesa dos trabalhadores, e não da gestão econômica estatal (KRAUSZ, 2017, p. 479; 487-490).

Lênin justificou a abolição do livre comércio como uma ação necessária frente às condições de guerra, mas não como a edificação do socialismo (KRAUSZ, 2017, p. 480-481). Diante das crescentes resistências com o comunismo de guerra, foi introduzida a NEP, como uma fase de transição não premeditada dentro do período de transição ao socialismo. As requisições seriam substituídas pelo imposto em espécie e o excedente agrícola seria comercializado. A NEP foi acompanhada de debates onde Lênin defendeu a ideia de um capitalismo supervisionado pelo Estado como parte da transição, que poderia substituir o centralismo burocrático do Comunismo de Guerra. Mas ele não foi ingênuo com os efeitos da NEP e sublinhou – e combateu – o risco de diferenciação social e de burocratização do partido e do poder soviético (KRAUSZ, 2017, p. 493-495).

Krausz comenta ainda o processo de abolição do direito de fração dentro do partido. Segundo ele, Lênin nunca defendeu um sistema de partido único como princípio e teria restituído o multipartidarismo caso isso não significasse um retorno ao reino da propriedade privada. Por isso, os

partidos não foram banidos legalmente. O autor, entretanto, critica o fato de Lênin, em vez de admitir que o regime soviético era opressor e mostrar como essa opressão servia a propósitos emancipatórios, buscou negar qualquer forma de opressão (KRAUSZ, 2017, p. 491).

Em nenhum momento Lênin teria dito que já se havia chegado ao socialismo, ou que este estava próximo. Em 1922, ele ainda falava de pré-condições para o socialismo e o regime russo ainda era visto como um tipo de capitalismo até então não existente. O *socialismo político*, a constituição de um Estado operário, havia sido alcançada, mas o *socialismo econômico*, a sociedade de livres produtores associados, ainda demoraria mais tempo (KRAUSZ, 2017, p. 494-497). Até lá, seria necessária a convivência de diversas formas de propriedade e associação (KRAUSZ, 2017, p. 507-510).

Na reta final de sua vida, Lênin se dedicou ao estudo de setores cooperativados e autogeridos pelos trabalhadores, chamados por ele de “ilhas de socialismo”, buscando encontrar possibilidades reais de sistemas socioeconômicos construídos sobre a democracia direta. (KRAUSZ, 2017, p. 507-516).

### **Breves comentários sobre o legado de Lênin**

Ao final dos 8 capítulos do livro, Krausz nos apresenta uma sessão intitulada *Breves comentários em lugar de um posfácio*, onde algumas das principais ideias são retomadas para debater o legado de Lênin.

Krausz resgata Lênin como um pensador que se dedicou a uma aplicação da teoria de Marx em uma época e região específicas, encarando que “o legado político e teórico de Lênin, como

variante histórica do marxismo, é único e irrepetível” (KRAUSZ, 2017, p. 519-521). Ademais, vê a transformação da realidade e a prática política concreta como o centro do desenvolvimento teórico e político de Lênin, sendo seu legado inseparável do marxismo como teoria e prática política. Assim, a lógica interna do seu marxismo só pode ser ressuscitada pela combinação da teoria marxista e a prática revolucionária anticapitalista (KRAUSZ, 2017, p. 522-524).

Apesar de admitir inovações feitas por Lênin, como a ideia da Rússia como centelha para a revolução mundial (KRAUSZ, 2017, p. 533) e um relativo rompimento com uma visão de mundo eurocêntrica (KRAUSZ, 2017, p. 529), entre outros, Krausz ressalta que Lênin não criou um sistema teórico independente, “um ‘ismo’ dentro do marxismo”, embora muitos usem a expressão “leninismo” (KRAUSZ, 2017, p. 525). Nesse sentido, ele lamenta e critica as apropriações estalinistas de Lênin e a criação de um “marxismo-leninismo”, que foi amplamente usado como ideologia de preservação do sistema sob a ditadura de Stálin, e também ressalta o papel que Lukács, Gramsci e outros tiveram na reabilitação / “renascimento” de Lênin (KRAUSZ, 2017, p. 521-524).

### **Considerações finais**

A maior contribuição do livro de Krausz é a reafirmá-lo como um pensador ainda necessário no tempo presente e extremamente útil para a interpretação do capitalismo, da luta de classes e do movimento revolucionário. A crise do capitalismo contemporâneo tem levado aos movimentos de esquerda novos desafios. Longe de ver Lênin como ultrapassado e restrito a um período histórico já superado, Krausz reafirma

sua necessidade e atualidade para pensar alternativas ao sistema capitalista.

*Reconstruindo Lênin* não é um livro que busca apresentar todo o pensamento e a história de Lênin, mas é uma ótima recuperação dos principais pontos e polêmicas que envolvem o pensamento “leniniano”. Krausz magistralmente aplica o materialismo histórico ao estudo de Lênin, inserindo seu desenvolvimento intelectual dentro do contexto histórico, das relações de forças e das experiências que o formou enquanto tal.

Entretanto, é necessário levantar também alguns pontos de críticas. Em alguns momentos durante a obra, fica pouco nítido para o leitor qual é a opinião do autor ao abordar determinados assuntos. Como Paul Le Blanc também observa, 40 anos de pesquisa construíram uma obra de qualidade inigualável, porém também tem as marcas de debates historiográficos que as vezes foram superados em relação aos apresentados na obra. (LE BLANC, 2015).

Feitas essas considerações, saudamos o belo trabalho de Tamás Krausz, e sua tarefa de reabilitar Lênin à luz dos desafios colocados para nós no presente e no futuro.

#### Referências

KORR, K. In from cold. **International Socialism** (online), 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/yecwmkopw>.

KRAUSZ, T. **Reconstructing Lenin – an intellectual biography**. New York: Monthly Review Press, 2015.

KRAUSZ, T. **Reconstruindo Lênin – uma biografia intelectual**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LE BLANC, P. On Tamás Krausz’s ‘Reconstructing Lenin: Sorting through Lenin’s legacy. **LINKS: International Journal of Socialist Renewal** (online), 2015. Disponível em: <http://links.org.au/node/4330>.

LENIN, Vladimir. **Obras Selectas**. Tomo uno. Buenos Aires: Ediciones IPS, p. 422-463, 2013.

MURPHY, Kevin; GAIDO, Daniel. De la dictadura democrática a la dictadura del proletariado: El debate en el Partido Bolchevique sobre las Tesis de abril de Lenin. **Sin Permiso** (online), 2017, disponível em <http://www.sinpermiso.info/textos/de-la-dictadura-democratica-a-la-dictadura-del-proletariado-el-debate-en-el-partido-bolchevique>.

STITES, R. **The Women’s Libetarion Movement in Russia: Feminism, Nihilism and Bolchevism: 1860-1930**. New Jersey: Princeton University Press, 1978.

Recebido em 2018-03-12  
Publicado em 2018-04-14